

FOTOGRAFIAS QUE CONTAM A HISTÓRIA

Photographs that tell the story

Fotografías que cuentan la historia

Elis Crokidakis Castro¹

Resumo

A textualidade de uma época é formada por um conjunto de textos verbais, não verbais e fotográficos que a compõem. Partindo da tese de que a experiência histórica também pode ser vista através da fotografia, olhamos para o acervo fotográfico da cidade de São João Marcos, para fazer uma leitura crítica das suas imagens. Partiremos do conceito de imagens dialéticas, e pretendemos lançar luz sobre a história passada da cidade.

Palavras-chave: cidade, fotografia, memória, história

Abstract

The textuality of an era is formed by a set of verbal, non-verbal and photographic texts that compose it. Starting from the thesis that the historical experience can also be seen through photography, we look at the photographic collection of the city of São João Marcos, to make a critical reading of its images. We will start from the concept of dialectical images, and we intend to shed light on the city's past history.

Keywords: City, photographs, memory, history.

Resumen

La textualidad de una época está formada por un conjunto de textos verbales, no verbales y fotográficos que la componen. Partiendo de la tesis de que la experiencia histórica también se puede ver a través de la fotografía, nos fijamos en la colección fotográfica de la ciudad de São João Marcos, para hacer una lectura crítica de sus imágenes. Partiremos del concepto de imágenes dialéticas, y pretendemos arrojar luz sobre la historia pasada de la ciudad.

Palabras clave: cidade, fotografía, memoria, historia

¹ DOUTORA; FACHA\FAETEC (professora), RIO DE JANEIRO, RJ BRASIL. eliscrokidakis@yahoo.it - Orcid: <https://orcid.org/0000-000177352715>

Esse trabalho é parte de uma pesquisa de pós-doutoramento no PPGcine\UFF que tematiza o espaço da cidade, suas representações em filmes e fotografias e a leitura da história a partir do espaço imagético, especificamente, da cidade de São João Marcos.

A cidade

Situada no rebordo da Serra do Mar junto a cadeia de montanhas da Serra da Bocaina, entre o Rio de Janeiro e São Paulo, coberta pela Mata Atlântica com um clima temperado de inverno seco e verão chuvoso com temperaturas em média anual de 20,9°, surge a ruína da pequena cidade. Quem lá hoje chega ao ouvir o inflamado canto de pássaros e a beleza da vegetação com limoeiros de cor alaranjada e árvores floridas de vermelho pensa que em um tempo não muito distante ali viveu um povo que tinha orgulho de sua cidade.

A primeira ocupação da região deu-se com a cana de açúcar e posteriormente com alguma trilha do ouro que por ali passava e finalmente já no século XIX historiadores descrevem visitas às fazendas de café da região, que está inserida no chamado Vale do Paraíba. Foi também no século XIX que a região mais prosperou no momento em que o café era o grande produto nacional de exportação. Isso, via de regra, contribuiu para que o pequeno vilarejo cercado de fazendas produtoras tivesse então seu status modificado por várias vezes e sua população aumentada, vendo florescer uma cidade com igrejas, hospital, teatro, cadeia, escola, clube e praças. Seu espaço era bastante generoso, e no estilo português de construção a Igreja Matriz possuía duas torres que competiam com 4 palmeiras imperiais.



Figura 1(Igreja Matriz)

O Santo padroeiro emprestou o nome à cidade, e a localização da Igreja era no centro de uma grande praça com gramados e alamedas. Em volta da praça casas e sobrados compunham a arquitetura em muito semelhante a de Paraty, outra cidade que sobreviveu ao tempo. Vista do alto da montanha em foto de 1910, repara-se que a cidade parece estar encravada em um vale que se espria pelo morro e pelo lado direito de quem está de costas para a Igreja Matriz. Seguindo os olhos outra Igreja aparece na imagem, era a de Sant'Ana de uma só torre. O traçado parece bem definido sabendo-se que ao fundo das casas que ficam de frente para a igreja passa o Rio.

As famílias Portugal e Breves seriam as mais numerosas e importantes do local. Por ser produtora no período escravocrata muitos escravos rodavam pela cidade e eram o braço forte da produção.



Figura 2 (Panorama da cidade)

Conta-se do patriarca da Família Breves muitas histórias, inclusive a de ser o grande contrabandista de escravos da região mesmo depois da proibição do tráfico negreiro. Histórias e verdades muitas vezes revistas, confirmadas ou não, pelos historiadores.

Fato é que a região prosperou enquanto o café floresceu chegando SJM a ter 18 mil habitantes, mas quando o café caiu SJM foi junto com ele e a população despencou contando apenas 7.400 pessoas no início do século XX, na década de 20. Na verdade, não só

SJM entrou em decadência, todo a Província do Rio de Janeiro pois que acabou ao mesmo tempo, a escravatura, o império e o Reino da Marambaia como era chamada a grande soma de terra do Comendador Breves. Suas terras vinham da Marambaia, passavam por Mangaratiba subiam a Serra do Mar até SJM, indo também para outros lados. Referindo-se a essa decadência da região vários são os documentos e escritos, dentre eles um texto de Monteiro Lobato que denominou tais cidades naquele processo de decadência, de Cidades Mortas, que eram todas aquelas que estavam ao longo do Vale do Paraíba.

Do final do século XIX em diante o tempo e espaço demonstraram a de decadência. Ao perder a subsistência, o que lhe rendia dinheiro, a cidade passou a vivenciar períodos bastante complexos. Seu povo não tinha no que trabalhar, e começou um processo de migração o que resultou na perda da população para outras cidades.

Por outro lado, desde a virada para o século XX o Rio de Janeiro com as grandes reformas urbanas feitas no primeiro decênio do século por um prefeito natural de SJM, Pereira Passos, começa a necessitar de mais água e energia, e nesse momento ocorre de se fazer uma represa que pudesse suprir essa energia. Nasce aí a Represa de Ribeirão das Lajes com uma usina hidrelétrica que para ser feita inundou grande parte das fazendas da Região, sacrificando ainda mais a lavoura e subsistência da cidade. Mas não só isso, a inundação se deu aleatoriamente sem que fosse pensado e resolvido o problema da fauna e flora local. Logo, o resultado desse ato antiecológico foi a existência de uma gigantesca quantidade de matéria orgânica: animais mortos, árvores e também pessoas, operários mortos durante as obras da represa, esses eram os relatos locais, advindos do cheiro insuportável que permaneceu pela região. Sem dúvida que os relatos oficiais não dão conta desse fato, pois implicaria em crime dizer que pessoas foram mortas ali na inundação, mas a voz do povo local afirmava. Todo esse processo gerou uma grande epidemia de malária, o que diminuiu ainda mais a população local, dizem os relatos de Agripino Grieco e Luiz Ascendino Dantas. Os relatos ainda afirmam sobre abertura de grandes covas onde mortos e muitos vivos moribundos eram jogados e subsistido as imagens relatadas de cães comendo cadáveres de pessoas em lugarejos nos distritos da cidade. Ou seja, uma imagem dantesca de um verdadeiro inferno provocado pelo homem no paraíso.

Passada a epidemia foram muitos os apelos feitos em prol da cidade, que foi deixada à míngua, com adultos e crianças morrendo. Mas ainda não era o fim. No processo derradeiro alguns anos depois, houve a necessidade de aumento da carga da barragem. Mais uma vez, estudiosos e políticos debatiam a questão e a população desolada aguardava seu futuro incerto. Até que foi batido o martelo- a cidade seria inundada-, mas antes disso demolida, não poderiam incidir no mesmo erro, começaram a indenizar as pessoas para elas saírem e quando isso ocorria destruíam as casas para que as pessoas não mais voltassem. Durante mais de 50 anos ninguém ali chegou, exceto talvez ladrões de peças, exploradores e os administradores da barragem. Todavia sabe-se, e é verdade, conta quem viu, que a água nunca ultrapassou a altura do solado da Igreja Matriz de São João Marcos.

A memória e a história

Ecléia Bosi, através de Bergson, em seu livro “Memória e sociedade”, nos diz: ““a lembrança é a sobrevivência do passado”, e esse conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança. Com essa afirmativa o autor buscava dar à memória um estatuto espiritual diverso da percepção, onde seu princípio central era a conservação do passado; que sobrevive, quer chamado pelo presente sob as formas da lembrança, quer em si mesmo, em estado inconsciente. Esses estudos de Bergson foram de suma importância para essa área do conhecimento, entretanto, faltam nesses estudos, segundo Ecléia Bosi, “uma tematização dos sujeitos-que-lembram, das relações entre os sujeitos e as coisas lembradas, como estão ausentes os nexos interpessoais, ou seja, falta rigor em tratamento da memória como fenômeno social”.” (Castro,2011,p.13) . Nesse contexto e indo um pouco mais além é que as ideias de Maurice Halbwachs, sociólogo, vão estudar não mais a memória, mas os “quadros sociais da memória”, onde as relações a serem determinadas não ficam adstritas ao mundo das pessoas (relações entre corpo e espírito) mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais”. Logo, memória do indivíduo dependerá das relações dele com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo e para

nós, diante do que estamos analisando, também a relação do indivíduo com o espaço, aqui, especificamente, a fotografia desse espaço que foi destruído, e o espaço vazio que a destruição deixou.

SJM, não mais existe, mas existem algumas fotografias de seu espaço e de sua gente. Não temos ainda fotos da cidade demolida, nem sabemos se esse acervo existe, uma vez que a pandemia do Covid 19 nesse ano de 2020, impossibilitou de acessarmos esse acervo nos arquivos da responsável pela barragem, mas temos hoje, foto das ruínas que ficaram submersas por mais de 50 anos e fotos do que a cidade foi.

Ou seja, partindo dessas fotos e de um mini-documentário é que analisaremos as relações entre a memória e a história da cidade buscando ressignificar essas imagens e talvez construir um novo entendimento sobre elas, uma nova história.

Nas fotos por nós examinadas que estão disponíveis no Centro de Memória do Sítio arqueológico e outras em arquivos pessoais, percebemos especialmente a composição do espaço que aparece fotografado pelos mais diferentes ângulos: de cima da montanha de frente para a Igreja Matriz, por uma diagonal que pode focar todo o panorama construído pelo homem naquela localidade. Pelo foco da câmera, do fotógrafo por trás dela, em suas imagens desumanizadas temos uma cidade que parece dormir, todavia, vez por outra ao longe, nos surge um ‘gaiato’ que parece infringir a vontade do fotógrafo se postando naquele contexto silencioso (Figura 3).



Figura 3 - (rua)

São fotos sem datas, talvez já de um momento final da cidade onde ela estivesse sendo fotografada para formar um registro e hoje contar essa história. Lembram as fotos de Eugène Atget quando fotografa Paris vazia, inaugurando uma nova forma de uso da técnica de captar um instante do real despersonalizado, mas suscetível a um novo olhar que fará dialeticamente uma interpenetração crítica do passado e do presente, como nos diz Didi- Huberman.

A importância dessas fotos da cidade, que hoje inexiste em seu conjunto arquitetônico, nos faz pensar um pouco mais, no significado da própria cidade e seu espaço. Para Benjamin “a cidade é realização do próprio sonho humano do labirinto”, lugar que será transformado em paisagem pelo flâneur, lugar também onde o humano entra propositalmente para se perder e se achar, ver e ser visto pelos passantes, isso sem qualquer necessidade de racionalização por parte de quem flana, vide os turistas. Por outro lado, temos esse espaço que para Milton Santos

deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente da forma (objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois, têm um papel na realização social. (Santos, 2014, p.31)

Ou seja, no conceito de Santos a cidade é a mistura, é o conjunto do geográfico com o humano. Daí as questões que se interpõem nas fotos que nos mostram a vida na cidade de São João Marcos, fotos do povo na rua, fotos do carnaval, fotos de pessoas na janela vendo a banda passar. Pessoas sorridentes que compõem a imagem de uma cidade aparentemente feliz e esse sentimento é o que transborda das falas dos ex-moradores que trazem na memória o tempo que moraram em São João Marcos.



Figura 4(rua)

Na foto 4 especialmente percebemos um momento de celebração como geralmente eram feitas as fotos nesse tempo, mulheres e homens parecem estar a caminho de algum lugar, se vestem bem, levam bebidas e algumas mulheres também carregam coisas. A disposição é interessante, homens a direita e mulheres a esquerda, crianças pelo meio e o que parecem crianças pobres que se vestem de forma muito mais simples e descalças carregando pesos na cabeça surgem ao lado dos homens, a margem da foto, como a margem da sociedade. A rua é o espaço onde todos se misturam e o comportamento dos corpos mostram um despojamento por parte dos homens com as mulheres todas em traje de festa.

Essas imagens da cidade de SJM são então as que chamamos de imagens dialéticas, conceito definido por Benjamin e retomado por Didi_Huberman, e que podemos utilizar nesse nosso caso específico, pois que a partir de nosso olhar de hoje para aquelas imagens da cidade sob uma interpenetração crítica do passado e presente, sintoma da memória, é que chegaremos a produção da história. Logo, o nosso objetivo de contar a história a partir daquelas fotos exige que façamos criticamente um exercício de junção entre o passado e o presente com uma ancoragem sob o fio da memória.

Nesse caminho o estudo da pesquisadora Ana Mauad nos afirma que a imagem vira agente da História, ou seja, a imagem não pode mais ser vista e utilizada como ilustração de uma história, mas deve aqui ser tomada, junto com outros tipos de textos, verbal ou não verbal, como os próprios agentes que nos contam a história daquele local. Sem dúvida que para recontarmos essa história além das fotos juntamos também os depoimentos em vídeo de ex-moradores. Os depoimentos tomados para o pequeno documentário, acessam um lugar de memória dos ex-moradores, que junto com as imagens fotográficas permitem a eles ressignificar toda aquela história. Os depoimentos, gravados *in locu* hoje, no espaço da cidade, tornam-se assim um material riquíssimo pois é possível ver a força que a cidade tinha e o que ela em seu conjunto (geográfico e humano) representava para quem lá vivia.

De certa forma podemos dizer que esse processo não só ocorre com os ex-moradores, como com qualquer pessoa que chega ao lugar. As fotos, o vídeo com os depoimentos e o espaço vazio com as ruínas e o riscado das ruas, impactam o visitante que ao conjugar as imagens do passado com as do presente e os relatos formam o seu conhecimento histórico sobre o local.

Das falas dos últimos sujeitos locais, uma história local, não institucionalizada, emerge em detalhes da vida que em SJM acontecia, o que não aparece nos documentos que relatam a história oficial.

Ouvindo os depoimentos fica visível o quão importante são aquelas imagens e o espaço para aqueles sujeitos. As lembranças que afloram são de um tempo passado que parece estar presente para eles, principalmente quando os atores sociais caminham pela cidade em ruínas e vão apontando as casas dos amigos, as suas, os prédios públicos, a escola, o hospital, a igreja. Ali eles revivem a felicidade, mas também a tristeza, a saudade, o pesar de ter perdido tudo que ali viveram restando apenas poucas lembranças de uma cidade real, com suas relações interpessoais, suas festas, seus espaços delimitados hoje pelas ruínas, cujo traçado da rua permanece intacto.



Figura 5 (Praça da Matriz)

Somente a cidade da memória persiste e esta também já se decompõe para esses sujeitos, que se não morreram, já possuem uma idade bem avançada. Eles mesmos dizem que querem ser ali enterrados, ou seja, desejam retornar para sua cidade e ali permanecer misturados com a terra. Em frente às imagens (figura 4) o ator real informa de quem se trata, sabe nome, sobrenome, endereço e de

alguns ainda fala por onde foi. Nos diz que tem gente de São João Marcos por todo lado, e seu olhar paira no vazio do local. Outros com depoimentos dados fora da cidade ainda se emocionam.

Assim, em face de fotos de pessoas do local, de festas, do carnaval, as imagens-lembrança afloram a consciência e diante dessas imagens é que esses indivíduos acessam a sua própria história ou o visitante forma ali o seu conhecimento. Diferente de um museu, onde peças são recolhidas para testemunhar uma época, em São João Marcos, no Sítio Arqueológico, não temos peças (retirando pobres objetos de ferro representativos de qualquer outro lugar), temos apenas as imagens que restaram e algumas histórias nos vídeos. Para nós, diante desse fato, a recepção é diversa pois ao ver as fotos de uma cidade viva e depois ter acesso a uma cidade morta, o vazio que ocupa o espaço impacta o visitante.

O efeito produzido no visitante nos parece o mais interessante, diante das fotos antigas o visitante cria uma expectativa que não se cumpre quando ele chega às ruínas, pois que ali só temos o imenso pasto limpo, vazio. A sensação de frustração se mistura com certa indignação de quem vê. O conhecimento então surge de uma composição dialética entre a imagem do passado vista e o espaço vazio do presente. É diferente, por exemplo, quando num museu só se vê os objetos ou quadros fora de seu contexto de criação. Para entendermos sobre as peças do museu lemos, ouvimos as explicações e formamos nosso julgamento, mas a partir das fotos, que são como instantes da realidade, essa imagem fica na mente e ao vermos que onde ela foi feita nada mais existe, nos choca.



Figura 6 (Praça da Matriz 2020)

As fotografias expressam a vida, a cidade e os moradores em momento de interação com tudo que os cerca, toda a problemática que envolve o ser humano em seu espaço de habitação. Nesse sentido essas fotos se revelam como agentes dessa história. Sem dúvida que se tivéssemos acesso às fotos do processo de destruição outras questões nos surgiriam.

O Parque Arquelógico de São João Marcos não mostra as fotos da destruição, mostra apenas a cidade viva e *in loco* ela já vazia. Nessa história institucionalizada, pouco se fez para buscar a história local, daqueles que tiveram que fugir, das famílias que perderam seu espaço, das crianças que perderam seus amigos, já que a população se viu errante por todo Vale do Paraíba. Exceto pelos dois documentários existentes, a história dos indivíduos comuns, ou aquela fruto de boatos, ou ainda as histórias inventadas, não foram objeto de interesse, e por isso foram condenadas à morte junto com a cidade. Uma vez morrendo esses indivíduos, morrem com eles essas lembranças e histórias que não foram registradas. Sendo otimista, eu poderia tentar dizer que pequenos relâmpagos das histórias pessoais teriam ficado para sempre nas famílias, mas talvez não seja isso que aconteça, já que a disseminação de uma história oral

depende de outros fatores para acontecer. De certa forma, por mais que aumente o número de visitantes que conheçam a história institucionalizada, eles não conhecem as memórias e consequentemente as histórias de quem ali viveu.

Histórias locais X Inventadas

Em artigo denominado “História e história local: desafios, limites e possibilidades” Erinaldo Cavalcanti nos traz 5 desafios para conceituar o que chamamos História Local, são eles elencados de maneira a dar compreensão da complexidade desse ramo da história: 1 desafio- História local como “história pequena”, 2 desafio- História local como “história do entorno”, 3 desafio - História local como conjunto coeso e diminuto de relações, passível de ser estudada em sua “totalidade”, 4 desafio - História local determinada pelo espaço geográfico, 5 desafio- História local como uma extensão e um desdobramento da história “não local”, entretanto, nos diz o historiador

esses últimos significados atribuídos ao que se convencionou chamar de história local parecem se encontrar presentes em todas as outras leituras interpretativas mencionadas anteriormente. Assim, seja entendendo a história local como uma história “pequena” ou como uma história “do entorno”, como uma história “coesa e passível de ser estudada em sua totalidade”, uma história como “consequência de outra história ‘maior’”, é recorrente a interpretação que associa a história local a um espaço físico-geográfico, em uma relação de determinação. Ela é, quase sempre, apresentada como determinada por essa dimensão do espaço. É história local porque é “do bairro”, “da rua”, “da vila”, “da escola”. (Cavalcanti, 2018, p.83).

Sendo assim, pautada na relação com o espaço é que olhamos e ousamos analisar as imagens que restaram e como elas podem contar a história, que para nós seria uma história local, aquela vivida dentro daquele espaço pequeno, mas não menos significativo e que não se apresenta nos documentos institucionais sobre a região.

Nos ateremos então a uma história local que é contada sobre a motivação da inundação da cidade ser devido a um acontecimento ocorrido no Canadá. Isto é, entre os moradores diz-se que a autorização para a inundação se deveu a um fato ocorrido com a Filha de

Getúlio Vargas no Canadá. Segundo contam ela teria atropelado uma pessoa naquele país e tentando uma negociação para livrá-la da responsabilidade, o pai, Getúlio, teria cedido a pressão da empresa canadense e oferecido a cidade para ser inundada.

Muitas questões envolvem a autenticidade do fato. Consta de fato o atropelamento no diário de Getúlio, no entanto, essa associação talvez tenha se dado pela coincidência de datas e na busca de compreender o que aconteceu, desconsiderando todo estudo que foi feito e as minimizações das questões que implicariam na inundação. Ou seja, um ato dessa envergadura certamente não estaria sujeito a uma questão tão pessoal. Seria considerar que o poder da empresa Light se sobrepuja às leis do Canadá. Além do mais, a política populista de Getúlio era pelo nacionalismo com várias ações até mesmo xenófobas contra as empresas estrangeiras que vinham investir no Brasil, todavia ele não poderia se furtar a resolver o problema sério de abastecimento na capital do país. Questões ideológicas à parte, se isso for possível, na prática a barragem já existia, pois a inundação e criação primeira havia sido feita em 1905, e somente quase quarenta anos depois a cidade foi inundada em prol do progresso. O Rio de Janeiro sofria com a falta d'água e em pleno processo de industrialização. Getúlio chegara ao poder em 1930, para mudar o rumo do país e ainda havia como ponto positivo o cálculo feito que dizia ser mais econômico atuar no aumento da capacidade da barragem de Ribeirão das Lajes do que trazer água do Rio Paraíba do Sul. Assim, tecnicamente trazer água para a população de 2 milhões de habitantes era muito mais coerente do que impedir a água de passar dentro da cidade, que na ocasião contava com muito poucos moradores. Não obstante tudo isso a história repercute ainda nos moradores e seus filhos que a contam com um ar desconfiado, sentindo-se ludibriados pelo poder público.

Na verdade, muitas outras cidades já foram inundadas pelo mundo com o mesmo propósito, sempre em prol do progresso e certamente em todas deve haver um baú de histórias que busquem justificar o fato, fossem os fatos verdadeiros ou narrativas criadas para justificar o que aconteceu.

Outra história que faz parte desse contexto é a que se passou quando da necessária implosão da Igreja Matriz. Segundo contam, as técnicas usadas não davam conta de implodi-la e ninguém queria fazê-lo, foi preciso que viessem pessoas de fora para a implosão. No entanto, marcada a demolição para um domingo, quando as 12 caixas de dinamite chegaram a Igreja caíra sozinha, o que ficou marcado como um sacrilégio, uma profanação. Contam ainda que a água jamais atingiu a parte de dentro da Igreja.

Esses são dois exemplos colhidos de depoimentos e que reverberam pela região.

No livro “História de Rio Claro” de Dilma Andrade de Paula, publicação que também pode ser considerada uma obra de História Local, a autora faz considerações sobre SJM a partir dos depoimentos de seus últimos moradores e analisa como a memória desses foi marcada por aquele fato. Segundo ela “da busca do sentido do jogo entre memória/ esquecimento emerge o sentido da história” (Paula, 2007, p.111), que assimilando ou não o discurso oficial, contra o qual não se tem armas para lutar, é o que se preserva, quando não se escuta ou tem registro do outro lado, da outra voz que não foi ouvida.

Por fim, essa história, que hoje naquele espaço é contada pelas fotos que se tem, reflete uma necessidade de se fazer essa leitura também dialética tal como as imagens o são, e partindo delas, da relação passado/presente poderemos chegar a um conhecimento e reflexão sobre nossos modelos de desenvolvimento escolhidos, sobre nossos governantes e sobre nossa própria existência enquanto parte de uma cidade.



Figura 7 (Casario em frente à Praça da Matriz)

REFERÊNCIAS:

BOSI, Ecleia, Memória e Sociedade - Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras,1995.

CASTRO, Elis Crokidakis. “A pesquisa da memória e sua relação com a história, a literatura e o cinema”.in: Imaginários de cinema, Rio de Janeiro: E-papers e Faperj,2011.

CAVALCANTI, Erinaldo “História e história local: desafios, limites e possibilidades”, Revista História Hoje, vol. 7, nº 13.
<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/393/271>

DIDI_HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. São Paulo: Editora 34,2014.

PAULA, Dilma, Andrade. História de Rio Claro. Rio Claro: Prefeitura Municipal, 2007.

SANTOS, Milton, Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Edusp,2014.

Documentário

<https://www.youtube.com/watch?v=jKGLq8nM8Hc>